

A VOZ DA REVOLUÇÃO

Nº 13

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

OUT. - NOV. 1972



Mais uma ponte destruída pelos combatentes da FRELIMO. O inimigo está confinado. . .

Comunicado de Guerra

Manica e Sofala

Durante o período entre Agosto e Novembro de 1972 (relatório parcial) os combatentes da FRELIMO estiveram activos nas zonas já referidas no nosso comunicado anterior: Mandie, Mungári, Buzua (entre Mungári e Chemba) e Vila Gouveia. Além disso, avançámos para uma nova zona, Macossa, onde importantes acções estão a ter lugar.

Em Mandie a nossa acção limitou-se a pequenas emboscadas, que resultaram em 2 carros destruídos e 10 soldados inimigos mortos.

Em Mungári, realizámos 7 emboscadas de grande envergadura e outras menores na estrada principal de Changara a Guro. 8 camiões e 2 tractores foram destruídos, e cerca de 25 soldados inimigos foram mortos.

Na região de Buzua atacámos 2 acampamentos: Chiganda, em 31 de Agosto, e Tuque em 7 de Novembro. As emboscadas realizaram-se principalmente na estrada Mungári - Chamba e Mungári - Guro. O resultado total foi de 3 camiões e 2 jeeps destruídos, e cerca de 30 soldados mortos.

Na nova frente de Macossa realizámos emboscadas nas estradas que ligam a Vila de Macossa a Mungári e a Vila Gouveia, e na estrada de Guro - Vila Gouveia, tendo destruído 5 camiões e morto 15 soldados portugueses. Um tractor foi também destruído no dia 8 de Agosto, na estrada Macossa - Mungári. Os nossos camaradas que estavam de emboscada, mandaram parar o tractor e fizeram descer o condutor e o seu ajudante. Estes foram postos em liberdade, e o tractor foi destruído com fogo.

continua na pág. 4

EDITORIAL

OS EFEITOS DAS NOSSAS VITÓRIAS

O tom das declarações das autoridades colonialistas portuguesas está a modificar-se, acompanhando o desenvolvimento da guerra. A começar pelo próprio comandante em chefe das forças armadas portuguesas em Moçambique: enquanto em 1970 ele declarava que «a luta está a chegar ao fim: dentro de algumas semanas os guerrilheiros serão completamente liquidados», ele declara agora, num tom de tristeza, em entrevistas a jornalistas estrangeiros, que «a guerrilha existirá sempre em Moçambique» «nenhum General pode prever o fim da guerra». Noutra declaração pretensamente «política» que não é mais do que uma tentativa para justificar as derrotas que o seu exército está a sofrer, aquele senhor diz que «as acções militares não interessam tanto, elas tendem a ser mais e mais incidentes isolados e secundários. O que interessa é ganhar os corações e os espíritos das populações».

Por outro lado, o conteúdo dos próprios comunicados de guerra portugueses reflecte esta nova orientação. Assim, enquanto há apenas alguns meses eles anunciavam «grandes vitórias das forças da ordem - centenas de guerrilheiros mortos, grande quantidade de armas capturadas, muitas bases da FRELIMO destruídas», etc. agora os comunicados inimigos só raramente falam de vitórias sobre a FRELIMO, descrevendo antes acções de terrorismo contra as populações, que eles, colonialistas, praticam e que atribuem à FRELIMO.

O que explica esta mudança de tom da parte de governo colonial português são as grandes vitórias que a FRELIMO está a alcançar, no plano nacional e internacional.

De facto, há apenas poucos meses abrimos uma nova frente, começámos a luta armada na Província de Manica e Sofala. Este nosso avanço calou as mentiras do inimigo, que dizia sempre que os guerrilheiros da FRELIMO vivem no exterior,

continua na pág. 4

SUCESSO NAS NAÇÕES UNIDAS

mas a luta armada continua

As decisões tomadas recentemente pelos vários órgãos da Organização das Nações Unidas sobre a questão do colonialismo português, coroaram um ano cheio de vitórias para o nosso povo e a nossa Organização. O reconhecimento da FRELIMO como o único e autêntico representante do povo de Moçambique; a declaração da legitimidade da nossa luta; o novo lugar que nos é dado nas Nações Unidas, de observadores, a condenação sem reservas do colonialismo português; a recomendação a

Portugal para que entre em negociações com os Movimentos de Libertação com vista a independência rápida das colónias — tudo isto são sinais claros do isolamento e descrédito de Portugal, e do nosso crescente prestígio no mundo.

O Comissariado Político da FRELIMO emitiu esta mensagem para os nossos militantes, na qual explica o significado e importância das resoluções das Nações Unidas, colocando-as no seu exacto contexto.

Camaradas,

Na sua última sessão de trabalhos, em Outubro e Novembro deste ano, a Organização das Nações Unidas tomou decisões muito importantes para nós. É certo que todos os anos a questão das colónias portuguesas é ali discutida — mas este ano ela foi objecto de uma atenção particular, por parte dos órgãos máximos, de que resultaram decisões altamente relevantes para a nossa luta.

Assim, a Quarta Comissão (Comissão de Tutela) decidiu convidar os representantes dos Movimentos de Libertação a participar, como OBSERVADORES ao exame das questões das colónias portuguesas. Este estatuto de observador que nos é atribuído tem grande importância política pois significa o reconhecimento, por parte da comunidade internacional, de que quem representa o povo moçambicano e exerce o controle político sobre o nosso país é a FRELIMO, e não o Governo português; e é um primeiro passo no sentido da nossa participação mais directa e activa no estudo e solução dos problemas internacionais de que a ONU se ocupa.

A Assembleia Geral, por seu lado, começou por aprovar várias resoluções. Uma estabelecendo anualmente uma semana de solidariedade com os povos da África Austral e Guiné Bissau que lutam pela sua liberdade e independência, a começar no dia 25 de Maio, Dia da Unidade Africana; outra recomendando aos órgãos com-

petentes das Nações Unidas que façam todos os esforços no sentido de intensificar e melhorar os serviços de informação sobre o colonialismo, com vista a mobilizar mais forças no mundo para o combate contra este mal; e uma terceira determinando a realização em Oslo, Noruega, no próximo ano de 1973, de uma Conferência Internacional de Especialistas para apoio às vítimas do colonialismo e apartheid na África Austral.

.....

Entrando nas questões de fundo, a Assembleia Geral mais uma vez condenou a política colonial do Governo colonial-fascista de Portugal, a sua aliança criminosa com a Rodésia e a África do Sul, e o apoio que os seus aliados da NATO lhe dão. Referindo-se concretamente aos Movimentos de Libertação Nacional de Angola, Moçambique e Guiné Bissau, a Assembleia Geral das Nações Unidas reafirmou que reconhece serem estes movimentos os representantes autênticos das aspirações dos respectivos povos. Uma nota nova na resolução da Assembleia foi a declaração da necessidade de negociações: "A Assembleia Geral considera imperativo que se iniciem negociações o mais cedo possível entre o Governo português e os Movimentos de Libertação", com vista à independência rápida dos povos de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Este órgão das Nações Unidas recomenda também que, no caso de Portugal se recusar a cumprir estas determi-

nações, o Conselho de Segurança deve reunir-se com urgência e estudar meios de obrigar Portugal a reconhecer o direito dos povos das colónias à independência.

E de facto, como Portugal tivesse declarado poucos dias depois que não queria largar mão das colónias e não reconhecia os Movimentos de Libertação, o Conselho de Segurança afirmou de novo o direito dos povos de Angola, Moçambique e Guiné Bissau à auto-determinação e independência, e a legitimidade da luta que estamos a travar para a conquista daquele direito. Dirigindo-se ao Governo Português, o Conselho de Segurança determinou que ele «cesse imediatamente todos os actos de repressão contra os povos de Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde, e Moçambique»; e que «entre em negociações com as partes interessadas com vista a alcançar uma solução para o conflito armado que existe nas colónias e permitir aos povos de Angola, Moçambique e Guiné exercerem o seu direito à auto-determinação e independência».

Pode-se ver que esta formulação do Conselho de Segurança é mais fraca e menos clara e directa do que por exemplo a da Assembleia Geral. Assim, não se diz a Portugal que entre em negociações com os Movimentos de Libertação, mas «com as partes interessadas», sem especificar quais são. Isto foi concessão que as forças progressistas do Conselho de Segurança fizeram aos países imperialistas, que tentam ainda a todo o custo evitar a



Um momento histórico: os representantes da FRELIMO tomam os seus lugares nas Nações Unidas

queda completa do colonialismo português. Contudo, um aspecto extremamente importante foi que mesmo esses países aliados tradicionais de Portugal, como os Estados Unidos da América, a França, a Inglaterra, pela primeira vez votaram contra o colonialismo, a favor de negociações para a independência dos nossos povos. Esta é uma das razões porque as decisões da ONU deste ano representam uma grande derrota para o colonialismo português.

Camaradas,

É necessário que estas vitórias nas Nações Unidas sejam bem compreendidas. Elas podem criar em alguns camaradas a ideia de que o fim da luta está próximo, de que dentro de pouco tempo se vão realizar negociações do Governo Português com o nosso Movimento, sob a égide das Nações Unidas e assim em breve estaremos independentes. E, o que é mais grave, esses camaradas podem começar a pensar numa mudança de estratégia para a FRELIMO. Podem dizer: uma vez que as Nações Unidas tomaram em suas mãos a nossa causa, devemos parar ou pelo menos afrouxar a luta armada, e concentrar os nossos esforços nas Nações Unidas. Muitos países africanos conseguiram a sua independência sem luta armada, através das Nações Unidas.

É evidente que só uma ignorância completa da natureza do colonialismo portu-

guês e da relação de forças no mundo pode explicar esta posição. Outros países coloniais como a Inglaterra e a França aceitaram dar a independência à maior parte das suas colónias porque, sendo eles países economicamente desenvolvidos, e tendo bases económicas sólidas nesses territórios que abandonaram, conservaram a esperança de poderem continuar a explorá-los mesmo depois da independência. Portugal não pode ter a mesma esperança, pois, sendo ele próprio um país pobre — o mais sub-desenvolvido da Europa — a independência das colónias representa para ele a certeza da perda de todas as nossas riquezas. É por isso que Portugal se opõe com tanta obstinação à nossa independência, em contraste com a atitude de outras potências coloniais. Por outro lado, os países imperialistas que hoje apoiam Portugal fazem-no não tanto por amizade ou solidariedade para com o regime de Salazar ou Caetano, mas porque, através do Governo Português, eles têm acesso à exploração do trabalho do nosso povo e das riquezas do nosso país. E a prova disto é a mudança na atitude desses países agora, nas Nações Unidas: como vêm a nossa luta avançar, como vêm Portugal a perder progressivamente o controle de Angola, Moçambique e Guiné, esses países abandonam Portugal em certa medida e declaram apoiar a nossa causa — na esperança de que nós respeitemos os interesses deles depois da independência.

Estas duas considerações chegam para mostrar àqueles camaradas que pensem em mudança de estratégia, que eles estão errados. Os sucessos que alcançamos nas Nações Unidas são o fruto do progresso da nossa luta armada de libertação nacional. As nossas vitórias políticas, militares e na reconstrução nacional NO INTERIOR DE MOÇAMBIQUE são a base da acção dos nossos aliados africanos e socialistas, que nas Nações Unidas desencadeiam a ofensiva contra o colonialismo. O próprio preâmbulo das resoluções das Nações Unidas indicam isso, quando, para justificar as resoluções, dizem por exemplo: "Notando com satisfação o progresso já realizado pelos Movimentos de Libertação Nacional de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, na sua luta de libertação e nos seus programas de reconstrução nacional, a Assembleia Geral decide"... Parar a luta seria um retrocesso irreparável, na medida em que permitiria a Portugal restabelecer a sua posição militar, e a longo termo a sua posição política nas colónias. Devemos compreender a acção internacional dentro do contexto da nossa estratégia actual, que o Comité Central que acaba de reunir-se declarou ser ainda absolutamente válida, e que é: no plano interno, estender a luta a todo o país, com vista a gradualmente aumentar as nossas forças e diminuir as do inimigo. No plano internacional, isolar o colonialismo português e conseguir apoio para a nossa luta. Estes dois lados da nossa estratégia são complementares, não podem ser realizados independentemente um do outro.

a luta armada continua

Por isso, ao felicitar-mo-nos pelos sucessos que acabamos de alcançar nas Nações Unidas, para os quais contribuiu muito a acção dos nossos irmãos africanos e camaradas socialistas, devemos estar conscientes de que eles não significam nenhuma mudança espectacular no processo da nossa luta, nem justificam quaisquer esperanças de uma independência rápida. A nossa independência vai sendo construída pouco a pouco, passo a passo. É a soma do ataque a um posto, uma emboscada, a abertura de uma escola ou uma machamba, a adesão da população de mais uma aldeia, o apoio mais firme de um e outro país, uma resolução mais favorável das Nações Unidas — todas estas pequenas vitórias, somadas, constituirão a grande vitória que será a nossa independência. Este é o caminho a seguir.

EDITORIAL: continuação da pág. 1

atacam as fronteiras e fogem de novo para os países vizinhos. Como pode agora o inimigo continuar a sustentar essa mentira, se Manica e Sofala só faz fronteira com as Províncias de Inhambane e Gaza, com a Rodésia e com a Província de Tete ao Norte, sendo a Rodésia aliada dos portugueses? Este nosso avanço comprova aos olhos de toda a gente, em Moçambique e internacionalmente, que os guerrilheiros da FRELIMO saem do próprio povo, eles existem em cada lugar, em todo o Moçambique, mesmo nas zonas que o inimigo ainda controla: e aí estão só à espera das armas e da palavra de ordem da FRELIMO para iniciarem a luta armada de libertação nacional.

Outros grandes sucessos nos meses passados foram os ataques de artilharia pesada contra o aeroporto de Mueda e contra o aeroporto e cidade de Tete, que resultaram em enormes prejuízos — materiais e morais — para o inimigo. Em Mueda os nossos camaradas destruíram 18 aviões no solo e abateram um helicóptero. Em Tete, destruímos 17 aviões no solo e abatemos também um helicóp-

tero. No ataque contra a cidade, destruímos o principal hotel, o Banco e o edifício dos Correios e Telégrafos.

Para além do aspecto militar, que é sem dúvida muito importante, estes ataques foram sobretudo vitórias políticas: o transporte de todo o pesado equipamento através de enormes distâncias, o segredo sobre as missões, as informações sobre o movimento do inimigo revelaram um altíssimo nível de consciência política da parte do povo e dos combatentes.

No plano internacional as nossas vitórias são também constantes. A mais recente foi alcançada nas Nações Unidas: em outro artigo neste boletim damos detalhes sobre as resoluções aprovadas na sessão deste ano das N.U. que condenam e isolam o colonialismo português.

Confrontado com esta situação, é claro que os portugueses não podem continuar a dizer que estão a ter vitórias sobre a FRELIMO. Mesmo que de vez em quando o façam, trata-se já de gestos desesperados, forçados pelo sistema de propáganda que eles próprios criaram. Porque

sabem que ninguém já acredita neles. Por isso são obrigados a admitir que «a guerrilha existirá sempre», «não podem prever o fim da guerra», etc.

E por isso também a sua tentativa de apresentar a FRELIMO como uma organização terrorista, para alienar, em bases morais, os nacionalistas que em numero crescente se juntam à FRELIMO. Mas quem pode conceber e muito menos acreditar que a FRELIMO, que representa os interesses do povo, e é uma organização revolucionária, possa cometer atrocidades? Já padres católicos portugueses que assistiram aos massacres cometidos pelas tropas portuguesas na Província de Tete encarregaram-se de desmascarar esta manobra e indicaram quem são os verdadeiros terroristas em Moçambique.

A nossa orientação humana, são, correcta, popular, revolucionária é a chave dos nossos grandes sucessos, e está a conduzir-nos à vitória final. Quanto aos terroristas portugueses, a sua derrota final torna-se mais iminente cada dia que passa.

COMUNICADO DE GUERRA: continuação da pág. 1

Na região de Vila Gouveia atacámos 2 acampamentos, onde os portugueses pretendiam construir campos de concentração: em M'komacha no dia 17 de Agosto, e em Nhamphassa em 9 de Outubro. 2 tractores foram destruídos e 9 soldados inimigos foram mortos. As emboscadas tiveram lugar nas estradas de Vila Gouveia a Guro, a Macossa e a Vila Pery. 5 camiões e 2 jeeps foram destruídos, e cerca de 20 soldados inimigos foram mortos.

Uma operação inédita foi a destruição de um carro dos Correios, Telégrafos e Telefones, no dia 23 de Agosto. O carro tinha saído de Vila Pery com destino a Vila Gouveia, e foi interceptado no caminho pelos nossos camaradas. O chauffer foi posto em liberdade e o carro, com todo o seu conteúdo, foi destruído com granadas.

Cabo Delgado

Durante o período entre 18 de Agosto e 23 de Outubro de 1972, em apenas dois sectores de Cabo Delgado, os combatentes da FRELIMO fizeram 5 ataques contra postos e acampamentos militares, e um grande numero de emboscadas e operações de sabotagem em que mais de 100

soldados inimigos foram mortos, 6 camiões destruídos e uma grande quantidade de material capturado.

ataques

No dia 24 de Setembro, em comemoração do 8º aniversário do desencadeamento da luta armada de libertação de



Moçambique, os combatentes da FRELIMO lançaram um ataque de artilharia, de tres diferentes posições, contra o posto de Nangololo. O posto ficou bastante danificado.

Em 12 de Setembro e 3 de Outubro, atacámos o posto de Diaca e um acampamento nas margens do rio Montepuez.

Um ataque de grande envergadura foi realizado pelas forças da FRELIMO em 3 de Outubro contra o posto de Lussoma, situado na costa. Depois dum forte bombardeamento pela nossa artilharia, a infantaria avançou e assaltou o posto. Todas as casas foram incendiadas, muitos soldados portugueses incluindo o seu comandante foram mortos, e um grande numero de patriotas moçambicanos foi libertado. O material que foi capturado incluía: 6 espingardas de calibre 7.9, 2 pistolas «STAR», 2 rádios de transmissão, munições de calibre 7.9, roupa e mantas, utensílios da cozinha e uma máquina dactilográfica. Dois camiões que foram enviados do posto de Mocimboa da Praia para defesa de Lussoma foram destruídos pelas nossas minas.

Em 20 de Outubro, os postos de Namatil e de Nangade foram atacados pela nossa artilharia. Em 23 de Outubro, o posto

de Nangade foi novamente atacado: 11 soldados inimigos foram mortos e 16 ficaram feridos.

emboscadas e sabotagem

As nossas operações de sabotagem realizaram-se principalmente nas zonas de Nacatar, Ancuabe, Chai, Mocimboa da Praia e Diaca. 6 camiões foram destruídos e cerca de 40 soldados portugueses foram mortos.

Em 24 de Setembro, foi destruída uma ponte sobre o rio Mwangedi, entre os postos de Nantadola e Diaca.

As forças inimigas foram emboscadas em Montepuez, Chai, Mocimboa da Praia, Diaca, Nangololo e Panamozzi, tendo sofrido 25 baixas.

Tete

Durante o período entre Agosto e Novembro, os combatentes da FRELIMO na Província de Tete abateram 4 aviões e 1 helicóptero; atacaram 11 centros militares portugueses, incluindo a capital e o aeroporto de Tete; afundaram 6 barcos no rio Zambeze; sabotaram 3 vezes a linha férrea Beira - Tete e a ponte sobre o rio Nyamphassi; sabotaram em 11 lugares a estrada internacional entre a Rodésia e Malawi; destruíram 63 carros e 1 caterpillar; e mataram mais de 300 soldados inimigos.

ataque contra a cidade de Tete

No dia 9 de Novembro de 1972, às 17:30 horas, as forças da FRELIMO na província de Tete lançaram um ataque pesado de artilharia contra a cidade de Tete, capital de província. O nosso ataque foi dirigido contra o centro da cidade, onde estão situadas muitas das instalações militares e económicas. Os nossos obuses atingiram o Quartel-General dos Comandos, os Correios, o Banco Nacional Ultramarino e o Hotel Zambeze, que habitualmente é ocupado por oficiais do exército, engenheiros que trabalham na Barragem de Cahora Bassa, e altos funcionários do Governo. Todos estes edifícios foram destruídos ou muito danificados.

ataque contra o aeroporto de Tete

Ao mesmo tempo que a cidade de Tete estava sendo atacada, outro grupo dos nossos combatentes bombardeava o aeroporto de Chingozi, em Tete. Entre 25 a 30 aviões estavam permanentemente no aeroporto, entre eles 2 jactos Fiat G-91, 2 aviões de reconhecimento, 5 bombardeiros «Harvard», 2 Noratlas, 1 avião

usado para propaganda, 8 helicópteros, 1 avião civil da Companhia Aérea de Moçambique (DETA) e alguns outros da «Companhia de Fomento» utilizados na actividade psico-social. No momento do ataque, encontravam-se no campo de aviação 17 aviões: todos eles foram destruídos. O «hangar» do aeroporto explodiu também juntamente com os helicópteros e outros aviões que estavam dentro.

Um helicóptero que apareceu durante o nosso ataque, vindo de Caldas Xavier foi abatido.

A pista foi tão danificada, que uma semana depois não se via ainda nenhum avião a aterrar ou a levantar voo do aeroporto de Chingozi. Além disso, o nosso fogo destruiu muitas das 30 casernas construídas perto do aeroporto e onde uma companhia de paraquedistas estava estacionada, com a tarefa específica de defender o aeroporto. Muitos soldados inimigos foram mortos, quando as casernas foram destruídas.

Antes destes dois grandes ataques, as nossas forças lançaram uma série de ataques de pequena envergadura contra acampamentos estratégicos em redor da cidade e do aeroporto de Tete.

Outros ataques neste período tiveram como alvo os postos, acampamentos e aldeamentos de Oliveira, Mpewa, Canverere, Nhangoma, Taibo, Mponda, Mukhunda e Mtawa. Atacámos também um posto de emigração português, na fronteira com Rodésia, perto do acampamento de Muzunga. Estas instalações inimigas foram danificadas, e cerca de 40 soldados inimigos foram mortos.

aviões abatidos

No dia 12 de Agosto um helicóptero que ia de Calinde a Mague foi abatido, tendo morrido os 3 oficiais que nele seguiam. No mesmo dia 12 de Agosto abatemos um avião de reconhecimento na zona de

Chalabuque tendo caído nesse mesmo lugar. Em 17 de Agosto abatemos um avião bombardeiro na zona de Mague. No dia 23 de Agosto outro avião de reconhecimento foi atingido pelo nosso fogo e caiu na área de Liria, a 30 minutos da fronteira com a Rodésia. Em 16 de Setembro foi abatido um avião de bombardeamento Rodésiano na zona de Luia.

barcos afundados

No dia 27 de Agosto 3 barcos foram emboscados e afundados pelos nossos combatentes nas margens do rio Zambeze, na zona de Mague. Em 1 de Novembro mais 3 barcos que seguiam de Mague para o acampamento de Cachomba foram também emboscados e afundados pelo nosso fogo; um total de 22 soldados inimigos morreram nestas 2 acções.

linhas férreas sabotadas

Em 11 de Setembro a locomotiva e 8 vagões de um comboio que transportava cimento para Cahora Bassa foram destruídos na linha férrea Beira-Tete, na região de Galawe. Em 25 de Setembro danificámos uma zorra e matámos alguns soldados inimigos na secção entre Mecunga e Mecito da linha férrea que liga Beira a Tete. Em 26 de Setembro outra zorra foi destruída e 4 soldados inimigos mortos na linha férrea Beira - Tete, na zona entre Moatize e Caldas Xavier. Durante a primeira quinzena de Novembro, as unidades de sabotagem da FRELIMO destruíram em muitos e diferentes lugares a linha férrea Mutarara - Zobwe, na secção entre Kateme - Migunga - Chibweza, numa extensão de cerca de 120 kms.

emboscadas e sabotagem

Durante o período em revista as nossas forças realizaram 11 emboscadas e operações de sabotagem na estrada entre a Rodésia e o Malawi: 9 carros, incluindo um machimbombo, foram destruídos, e pelo menos 30 soldados inimigos foram mortos.





Foto em cima: a delegação da OUA com militantes da FRELIMO. Em baixo: o Secretário-Executivo com uma arma capturada, oferta da FRELIMO ao Comitê

Delegação da OUA em Cabo Delgado



O Comitê de Libertação da Organização da Unidade Africana tem como função estabelecer a ligação entre a África independente e os Movimentos de Libertação dos países colonizados ou sob dominação branca no nosso Continente. Para realizar eficazmente essa função, é essencial que o Comitê de Libertação mantenha um contacto estreito com os Movimentos. Dentro deste espírito, uma delegação do Comitê visitou recentemente a Província de Cabo Delgado a convite da FRELIMO. No seu regresso o Secretário-Executivo, Major Hashim Mbita, deu uma Conferência de Imprensa em Dar es Salaam, de que extrairmos o artigo aqui publicado.

Durante 10 dias eu e os meus colegas do Comitê de Libertação, Sr. Sidki, Dr. Kassiga, e capitão Makaranga, fomos hóspedes da FRELIMO na Província de Cabo Delgado.

Quero tornar claro que não fomos inspeccionar o que a FRELIMO está a fazer; fomos sim aprender, conhecer o que a FRELIMO está a realizar, para uma melhor compreensão e cooperação nas relações de trabalho entre a FRELIMO e o Secretariado do Comitê de Libertação.

Fiquei muito impressionado com o progresso da guerra. Toda a área por onde andámos está sob o controle da FRELIMO. A tropa portuguesa não pode andar por terra; os movimentos entre os seus postos, isolados, são sempre feitos por avião. A FRELIMO controla completamente o terreno — isto foi evidente para nós durante a nossa estadia em Moçambique.

O povo identifica-se completamente com a FRELIMO. Falámos com muita gente

em Cabo Delgado, e todos estão certos da vitória. Uma coisa que nos pediram foi para conseguirmos o regresso dos seus irmãos que no começo da guerra fugiram para a Tanzânia. As condições de vida são boas nas áreas libertadas de Moçambique, muito melhores do que nos campos de refugiados.

Toda a gente sabe que é o povo que alimenta as forças de libertação, e o povo está orgulhoso disso. Através da educação política, a FRELIMO foi capaz de elevar a consciencia politica do povo a um nível tal que é o povo que ajuda os soldados não só a ganhar a guerra mas também a estabelecer o poder popular nacional em Moçambique.

A FRELIMO estabeleceu já um sistema de produção nas suas zonas, e um sistema comercial. O principio que está na base de todo o trabalho da FRELIMO neste sector é o do trabalho colectivo e das cooperativas.

Tive ocasião de ver que para a FRELIMO a luta armada não é um fim em si mesmo. A luta armada visa pôr termo às actividades desumanas de opressão e exploração dos colonialistas portugueses. É visa restituir a independencia ao povo de Moçambique.

São os Portugueses os responsáveis pela guerra — na qual eles são ajudados pelos seus aliados da NATO. Os colonialistas portugueses estão a matar e a oprimir o povo. É claro que a FRELIMO não pode confiar em rezas para pôr termo a esta injustiça, a estes massacres — o único caminho é lutar — e lutar vigorosamente.

Mas para além da guerra, a FRELIMO aparece como uma organização humanitária preocupada em construir uma nação, e com um programa completo de reconstrução das áreas libertadas. Isto é uma indicação clara do valor que a FRELIMO dá à vida humana — os seus serviços de saúde, a instrução e educação que visam a libertação mental do povo. Este aspecto da FRELIMO não costuma ser referido. Uma bala faz muito barulho, e o seu eco ouve-se em muitos lugares. Mas a revolução silenciosa que se realiza por detrás das balas, costuma ser esquecida.

Estou certo da vitória da FRELIMO. Depois da posição dos países Africanos na Conferencia de Rabat, e em face dos sucessos que a FRELIMO tem alcançado, não tenho duvida de que a vitória não está muito longe.



Em cima: o Presidente da FRELIMO acompanha a delegação da OUA na sua visita a Cabo Delgado. A direita: o Major Mbita com outro presente da FRELIMO ao Comité. Em baixo: no caminho, a delegação em conversa com o povo.



DAILY NEWS

TANZANIA

Jenerali Ulimwengu, um jornalista Tanzaniano que trabalha no jornal diário oficial da Tanzânia «Daily News», acompanhou a delegação do Comité de Libertação na sua visita a Moçambique. Escreveu uma série de 7 artigos para o seu jornal, nos quais relata em detalhe todos os aspectos da viagem e ao mesmo tempo as suas impressões sobre o trabalho da FRELIMO.

«Os sucessos da FRELIMO não são fruto do acaso. Eles resultam do facto de que os guerrilheiros estão ideologicamente claros sobre aquilo que estão a fazer, e consideram a luta como algo muito mais fundamental do que a simples manipulação de armas».

«Soldados duros, eis o que são os guerrilheiros da FRELIMO. A flexibilidade e mobilidade, princípios básicos da guerra de guerrilha, fazem da FRELIMO uma força tal que nenhum exército colonial, por definição sem princípios, pode enfrentar».

Jenerali Ulimwengu



O Presidente da FRELIMO apresenta Jenerali Ulimwengu ao povo e combatentes de Cabo Delgado



Newsweek

Um repórter da revista americana «Newsweek», Sr. Andrew Jaffe visitou a provincia de Cabo Delgado a convite da FRELIMO. No seu regresso ele escreveu um artigo que

foi publicado nessa revista no dia 27 de Novembro.

Nesse artigo o sr. Jaffe, dando a sua opinião baseada na observação pessoal e directa, diz que «não há dúvida de que os guerrilheiros da FRELIMO controlam as áreas rurais do Norte de Moçambique».

